

ASPECTOS FONÉTICOS, FONOLÓGICOS E SOCIOLINGUÍSTICOS DAS PALATAIS LATERAL E NASAL

Eliane Pereira Machado-Soares*

Resumo

Neste artigo, discutimos aspectos fonéticos, fonológicos e sociolinguísticos associados aos segmentos palatais lateral e nasal. Como procuramos demonstrar esses sons são de difícil caracterização e são altamente instáveis em termos fonéticos, o que se reflete nas interpretações fonológicas e nos usos desses sons nos diferentes falares brasileiros.

Palavras-chave: *nasal palatal; lateral palatal; variação linguística.*

INTRODUÇÃO

A diversidade do português do Brasil pode ser constatada em inúmeros trabalhos realizados sob diferentes orientações teórico-metodológicas, considerando parâmetros linguísticos, geográficos e/ou sociais. A imensidão territorial, os diferentes processos migratórios e de colonização, a heterogeneidade populacional, a estratificação social justificam a preocupação com os fatos da língua e instigam as muitas investigações.

Entretanto, apesar dos muitos trabalhos realizados há ainda muito trabalho de pesquisa a ser feito com o objetivo de identificar a variação nos diferentes níveis da língua.

Um dos níveis mais profícuos à investigação é o fonético-fonológico, que se constitui, em todas as línguas do mundo, no nível de maior variação; além disso, alguns segmentos sonoros são bastante instáveis e parecem estar mais sujeitos à variação do que outros, num dado sistema linguístico. Isso pode ser relacionado a fatores de ordem linguística, ou, fonético-fonológica, como no caso da lateral palatal e

nasal palatal, para as quais encontramos descrições e análises diferenciadas tanto no que diz respeito às bases articulatórias pelas quais se realizam quanto às interpretações fonológicas associadas.

Também é no nível fonético que a atenção e, por consequência, o julgamento do falante recaem mais frequentemente, de maneira que algumas formas, ou, melhor dizendo, certas diferenças fonéticas podem estar associadas a fatores sociais específicos, sendo por isso mais valorizadas/estigmatizadas de acordo com o valor associado aos fatores, no grupo social. É o que veremos nas páginas seguintes.

1 ASPECTOS FONÉTICOS

Os estudos sobre os sons palatais em geral apontam para a diversidade dos processos envolvidos em suas realizações, devido tanto a fatores de ordem social quanto linguística, no caso, a produção articulatória, o que torna sua caracterização um tanto diferenciada de autor para autor.

Crystal (1985, p. 192) afirma que o termo palatal “refere-se aos sons produzidos quando a parte anterior da língua entra em contato ou se aproxima do palato duro”. Dubois (1998, p. 448) define sons palatais como aqueles que têm “sua articulação palatal situada no nível do palato duro, e é acusticamente compacto e agudo; a cavidade de ressonância bucal é muito compartimentada e mais importante na parte anterior que na posterior ao estrangulamento mais estreito”.

Segundo Cristófaros-Silva (2001) o som palatal é produzido com a parte medial da língua contra a parte final do palato duro, como são os sons /λ/ e /ɲ/ em língua portuguesa. Em termos de realizações, essa autora faz algumas importantes distinções para se distinguir entre a consoante palatal e a palatalizada. No primeiro caso, sons palatais

* Professora de Linguística da Faculdade de Letras do Campus Universitário de Marabá (UFPA).

são aqueles produzidos com a obstrução da passagem do ar na região palatal pelo levantamento da parte média ou central da língua que quase toca o céu da boca, se o ar escapa lateralmente, enquanto a ponta da língua se encontra abaixada próxima aos dentes inferiores frontais, tem-se então a realização [ʎ]; se, ao invés deste gesto, levanta-se a ponta da língua em direção aos alvéolos ou aos dentes e, concomitantemente, a região central da língua é levantada em direção ao palato duro, então ocorre uma lateral palatalizada [ɮ].

De acordo com essa mesma autora, para a nasal palatal ocorre algo semelhante: para o segmento palatal [ɲ], há obstrução da passagem da corrente de ar quando a língua toca o céu da boca na região palatal; para a variante nasal palatalizada [ɲ̃] a ponta da língua toca os alvéolos. Em termos articulatórios, o som palatalizado se distingue do palatal por ser produzido mais à frente da cavidade bucal, ocorrendo o efeito auditivo de consoante seguida de vogal.

Com ligeira diferença, Cagliari (2002) afirma que o som palatal é produzido com a parte central da língua contra a parte central (mais alta) da abóbada palatina, indo até o final do palato duro. De forma mais concisa, Santos e Souza (2004) atribuem a esses sons a produção com o centro da língua contra o palato duro.

Em outros autores, os sons palatais aqui enfocados são também classificados como dorsopalatais (BARBOSA, 1994), isto é, sons produzidos com a parte central (medial) da língua. Porém há autores que distinguem *centro* de *dorso* (SANTOS e SOUZA, 2004), tendo esse como a parte mais próxima à raiz da língua.

Câmara Jr. (1977), numa abordagem estrutural do sistema consonantal do português, classifica as palatais nasal e lateral, quanto ao ponto de articulação, como sons posteriores (póstero-linguais), enquanto suas similares não-palatais são tida como anteriores (ântero-linguais).

Em todas essas definições tem-se uma caracterização que leva em conta o traço palatal como articulação primária, o que faz desses sons unidades distintivas em língua portuguesa.

O traço palatal, como articulação secundária, é denominado comumente de palatalização e se constitui objeto de interesse de diversos estudos em todo mundo¹. A palatalização é definida por Dubois (1998, p.449) como “o fenômeno particular de assimilação sofrido por certas vogais e consoantes em contato com um fonema palatal [no caso, as vogais anteriores]: a realização do fonema k no francês qui ou no português “quilo” é uma consoante pós-palatal sob a influência da vogal i.”

Crystal (1985) oferece uma visão mais ampla de palatalização ao afirmar que se trata de qualquer movimento da língua em direção ao palato duro, mas sendo mais comum o seu uso para a articulação secundária; ele chama a atenção dizendo que no caso de [t] esta é mais notada “pois um glide palatal seria ouvido antes do início do som principal” (p. 193). Entende-se, nesse caso, a palatalização como fenômeno de variação sincrônica numa dada língua, como ocorre de modo mais perceptível com outros fonemas do português, como exemplificaremos mais adiante.

Na perspectiva diacrônica, a palatalização é, segundo Câmara Jr. (1986, p.186), uma mudança fonética que amplia a zona articulatória para a produção de uma consoante, em decorrência do desdobramento da parte média da língua em direção ao palato médio².

Na língua portuguesa (CÂMARA JR, 1979; 1986), a palatalização (ou, nos termos do autor, *molhamento*) foi responsável pelo surgimento de quatro consoantes não existentes no sistema fonológico latino, que passou a ter na ordem constrictiva uma chiante surda /ʃ/ e uma chiante sonora /ʒ/; uma nasal palatalizada (nasal palatal /ɲ/); uma líquida lateral palatalizada (lateral palatal /ʎ/). Essas duas particularmente resultaram da palatalização de grupos consonânticos latinos ou de uma consoante em contato com -y-, como veremos no próximo tópico. Como traço secundário, a palatalização é uma assimilação determinada por um fonema palatal assimilador -y-, em contato com a consoante que sofre a assimilação.

Sincronicamente, em nossa língua, a palatalização ocorre com consoantes como /k, g, l, t, d, n/ produzindo um efeito auditivo de consoante seguida de vogal /i/, constituindo-se foneticamente em uma articulação secundária, sendo, portanto, marginal às propriedades principais desses segmentos consonantais. No caso, é condicionada pelo contexto ou ambiente em que ocorrem tais segmentos (CRISTÓFARO-SILVA, 2001), como podemos observar em palavras como *quilo, guia, galinha, tinha, dia, ninho*.

De forma minuciosa, Cagliari (1974) fez um amplo estudo sobre a palatalização, no dialeto paulista, no qual afirma que os sons palatais são instáveis, não sendo fácil caracterizá-los, o que pôde ser percebido nas descrições de alguns dos autores revisados em seu trabalho³. Ele observou divergência e imprecisão em aspectos como: na definição da palatalização; nos critérios para pontos e modos de articulação de sons palatais; no uso de termos diferentes e interpretações diferentes para resultados idênticos; e no uso da palatografia como método experimental para a investigação.

¹ No Brasil destacam-se os trabalhos de Bisol (1986); Bisol e Hora (1993); Hora (1990); Oliveira (2007); Mota (1995); Aragão (1996, 1997), dentre outros.

² Foram mantidos os termos e as notações dos autores.

³ O autor cita Gleason (1969); Malmberg (1971); Ladefoged (1972); Delattre (1965); Heffner (1969), Catford (1968); Strakka (1965); entre outros.

Em seus próprios estudos palatográficos, Cagliari distingue três realidades fonéticas da palatalização naquele dialeto, no qual distingue consoantes não palatais, consoantes palatalizadas e consoantes palatais. As consoantes palatais são descritas da seguinte forma:

As consoantes palatais localizam-se na região palatal (prepalatal ou central), apresentam os maiores contatos línguo-palatais, exigem maior esforço articulatório (...). Apresentam uma duração maior, quer na retenção, quer na distensão. São, essencialmente, sons simples, não articulações duplas. O comportamento da língua é decisivo: sempre temos a ponta da língua abaixada atrás dos incisivos inferiores. Do ponto de vista auditivo, caracterizam-se pelo timbre "molhado". (p.160)

Segundo seu estudo, as realizações típicas das palatais no dialeto paulista são /k/ e /p/. Como fenômeno secundário à produção de consoantes, a palatalização é descrita como a tendência de consoantes não palatais anteriores ou posteriores a se localizarem na parte central da abóbada palatina. A maior evidência dessa ocorrência se daria com as palatalizadas em sílaba tônica, como ocorre com [n] e [l] que passam a [n'], [l'] palatalizados. Para o autor, essas ocorrências representam um estágio intermediário, tendo uma disposição articulatória das consoantes não palatais, porém com articulação mais forte e enérgica, como o que ocorre para as consoantes palatais (p.80).

A distinção que ele faz entre consoantes palatalizadas, não-palatais e palatais é feita levando em conta cinco fatores: lugar de articulação, modo de articulação, comportamento da língua, energia articulatória e percepção. Quanto ao lugar de articulação, as palatalizadas têm uma pequena parte do contato em algumas regiões limítrofes com a região palatal e, portanto, maior contato com essa região. Seu modo de articulação tem um contato mais largo do que as não-palatalizadas. O contato línguo-palatal é o mesmo de uma não palatal, mas articulada com maior energia. O autor observa que esses contatos apresentam grande variação, nem sempre de fácil interpretação palatográfica, gerando uma variação fonética que pode ser percebida auditivamente, mas considerada irrelevante pelos falantes, em determinadas línguas, se estiverem em distribuição complementar.

Cagliari identifica em língua portuguesa, a par das consoantes palatais, a ocorrência de consoantes palatalizadas seguidas de [i] ou de [y], favorecidas pela articulação palatal, que exige maior esforço articulatório desses segmentos. Segundo o autor, as consoantes /n/ e /l/ são os sons que se palatalizam e despalatalizam mais facilmente, pois se incluem entre as consoantes de fraca articulação. O autor faz a seguinte observação:

Nas línguas onde há correlações de consoantes palatalizadas paralelamente às consoantes não-palatais, os falantes não têm dificuldades em perceber o timbre palatalizado, pois necessitam deles para distinguir palavras. Nas línguas onde isso não ocorre, os falantes não têm consciência dos casos de palatalização que realizam (p. 91)

A despalatalização, por sua vez, ocorre devido ao enfraquecimento do contato da língua com a área palatal, diminuindo assim a área de contato, que sofre encurtamento para frente ou para trás. Em vista disto, consoantes palatais ou palatalizadas regridem para a região anterior ou posterior da boca, ocorrendo o que se chama de "tendência ieisante" da língua, ou *lheísmo*, que é o que ocorre na passagem de // a [j] e, semelhantemente, com /p/ que passa a [j] podendo ser este nasalizado.

"(...) o enfraquecimento articulatório se produz ao longo da linha média da língua, originando um canal de constricção, em vez de oclusão. As bordas da língua, agora, continuam com sua pressão forte para os lados, comprimindo-se contra os dentes premolares e molares, na posição típica do iode. Observando-se alguns palatogramas das consoantes palatais, nota-se, às vezes, uma maior tendência a iode, pela diminuição da oclusão sobre a linha média. No ponto em que essa diminuição acabar com a oclusão sobre a linha média, gerando, portanto, um canal constritivo, estamos diante de um iode". (p.115).

Cagliari afirma ser a despalatalização uma etapa de evolução da palatal, a partir da qual se operam outras transformações, sendo a realização palatalizada, como um dos aspectos da despalatalização, uma realização intermediária na passagem da palatal para não-palatal. As etapas resultantes desse processo, apresentadas pelo autor, são: palatal, palatalizada com iode, palatalizada sem iode, despalatalizada com iode.

Segundo sua interpretação, a passagem da palatal à palatalizada com iode tem a mesma facilidade da passagem da palatalizada com iode à palatal, no primeiro caso tem-se o aumento de energia e no segundo a diminuição: ly → ly → lh (i. e. [ly] despalatalizado para a [ly] palatalizado e este à palatal): : lh → ly (palatalizado) → ly (palatal [lh] passa a [ly] palatalizado e este a [ly] despalatalizado). Observa-se que:

A passagem de palatal à palatalizada seguida de iode se justifica perfeitamente pelo fato das palatais, sendo mais longas do que as demais

consoantes, terem uma distensão mais pronunciada, o que pode dar a entender a presença de iode, seguido imediatamente à distensão. O enfraquecimento articulatório não permitindo a palatal, faz com que gerações mais novas percebam na distensão da palatal um iode e comecem a realizar a palatal como uma consoante palatalizada (menos enérgica e firme) seguida de iode. (p.118)

Segundo a descrição do autor, a lateral palatalizada, como variante de /l/ (lateral alveolar), é favorecida em alguns casos pela presença da vogal palatal ou *iode* em posição átona, do ponto de vista articulatório registra-se um avanço da língua na linha média do palato. Como variante de /k/ pode despatalizar-se quando precedido de vogal palatal tônica.

O estudo de Cagliari, dentre os que revisamos, é o único que dá uma descrição experimental, palatográfica da palatalização, em particular como fenômeno do dialeto paulista, apontando aspectos referentes às consoantes /λ/ e /ɲ/ que fornecem informações importantes sobre o comportamento dessas consoantes.

Sem o mesmo aparato experimental, Cavaliere (2005), ao propor uma classificação dos sons em língua portuguesa e, de modo particular, dessas consoantes, observa que há controvérsia quanto ao modo de articulação de /ɲ/, não se podendo afirmar ser este oclusivo, mas semi-oclusivo, pois apresenta oclusão na boca e liberação de ar pelas fossas nasais, porém faz a seguinte ressalva:

Ocorre que, no caso de /ɲ/, a articulação implica um leve “arrastamento” da língua pelo palato duro. Esse modo de articulação peculiar, por sinal, também observável na pronúncia de /k/, confere à consoante /ɲ/ um traço progressivo, no sentido de que a língua mantém-se em movimento durante todo o tempo gasto para sua prolação. Semelhante movimento lingual se processa em projeção para frente, razão por que atinge o ponto articulatório típico da semivogal anterior /y/. Os textos tradicionais atestam nesse tipo de articulação as denominadas consoantes molhadas (fr. mouillés), em que ocorre um fenômeno de iotização (semivocalização) do som consonantal. (p. 114)

Nessa perspectiva, a semivocalização seria, portanto, uma conseqüência dessa articulação caracterizada pelo chamado traço progressivo.

Essa gama de caracterizações reflete-se nas diferentes descrições encontradas nos mais diversos estudos sobre esses segmentos, bem como suas realizações no Português Brasileiro.

2 ASPECTOS FONOLÓGICOS

Os sons palatais nasal e lateral são alvos de interpretações nem sempre convergentes, devido lhes serem atribuídos traços um tanto diferenciados. É o que podemos encontrar nos trabalhos de autores, como, por exemplo, Cristófar-Silva (2001), Souza e Santos (2004), Cagliari (1997).

Não há concordância, por exemplo, quanto a todos esses serem coronais. Para Clements e Hume (1995), o status do traço [lateral] não é de fácil configuração, devido poder ligar-se tanto ao nó [coronal] quanto ao nó de raiz.

Wetzels (1997) propõe uma análise desses segmentos em língua portuguesa como segmentos complexos: por meio de argumentos que remetem à estrutura silábica, o autor defende que essas soantes são geminadas fonológicas. O primeiro dos argumentos remete à Restrição de Rima Máxima (RRM), segundo a qual a rima em PB só poder conter, no máximo, duas posições (VC), como núcleo e coda, excepcionalmente uma terceira posição pode ocorrer, sendo essa, obrigatoriamente, ocupada por /s/. Segundo a noção de sílaba pesada⁴, que se define por ser aquela rima com duas posições preenchidas, as sílabas que contêm vogais nasais ou ditongos não podem ser seguidas de uma líquida⁵ e sílabas terminadas em líquidas não podem ser seguidas por uma consoante nasal na mesma sílaba.

Conforme aponta Wetzels, em PB encontram-se dois tipos de nasalidade: a contrastiva e a alofônica. A contrastiva é a nasalidade obrigatória observada pela presença da consoante nasal em coda (*campo, pente*)⁶; a alofônica deve-se ao espriamento da nasalidade de uma consoante nasal para um elemento vocálico precedente (c[ã]ma,)⁷, podendo ser explicada pela aplicação de regras variáveis linguísticas e não linguísticas. A partir de diversos dados do português, o autor chama a atenção para o fato de a nasalização alofônica, decorrente da presença de nasais palatais depois da vogal da sílaba anterior (ar[ã]nha), ocorrer independentemente da posição do acento primário, como se dá com a nasalização contrastiva, sendo, portanto, categórica (ABAURRE e PAGOTTO, apud WETZELS, 1997).

Esse comportamento diferenciado dos dois tipos de nasalidade, leva o autor a afirmar que, em termos de representação lexical, nos casos de /ɲ/, a nasalidade se lo-

⁴ Numa perspectiva mais tradicional, são chamadas sílabas travadas em oposição a sílabas leves.

⁵ Chamadas de líquidas “tautosilábicas”.

⁶ O que torna o acento na sílaba pré-final obrigatório.

⁷ A nasalização é mais sistemática nas vogais acentuadas.

caliza na coda, como ocorre com *campo*, *pente*. Do ponto de vista fonológico, isto significa considerar as soantes palatais como geminadas lexicais /ɲɲ, ʎʎ/, o que consequentemente leva a sílaba precedente a tornar-se uma sílaba pesada. Pela RRM, essas soantes não poderiam ser precedidas por este tipo de sílaba.⁸ Portanto, vê-se que /ɲ/ só pode ser precedida por uma vogal, isto é, por rima não ramificada, pois, a primeira mora da consoante palatal, que é duplamente articulada, já ocupa a coda da rima anterior, o que explica não ser admissível a ocorrência de sílaba pesada antes desses segmentos.

Isso também implica que a ocorrência de /ɲ/ entre as duas últimas vogais de uma palavra, que tenha pelo menos três sílabas, faz com que o acento não passe da sílaba pré-final, devido a não existência de palavras proparoxítonas com uma sílaba pesada pré-final, conforme **ámeixa*, **Geraldo* por comparação com *alc[ú]nha*, *faç[á]nha*, *cam[i]nho* etc.

Outro fato corrente em PB, que vem a confirmar tal hipótese, diz respeito a não ocorrência de /ɲ/ em início de palavra, a não ser aquelas de origem estrangeira, como *nhoque* (it. *gnocchi*), pronunciadas como [jókɨ], isto demonstraria que a articulação complexa de /ɲ/ só é tolerada nos contextos em que essa articulação pode ser dividida entre duas sílabas, em posição intervocálica. O mesmo comportamento é identificado para /ʎ/: antes desta soante palatal são proibidas rimas ramificadas, inclusive nasais; sua ocorrência entre duas vogais finais faz o acento recair na sílaba pré-final; excetuando o clítico *lhe*, não há palavras iniciadas por /ʎ/, a não ser em empréstimo como *lhama* (esp. *llama*), muitas vezes pronunciadas como *ilhama*.

O terceiro argumento a favor da hipótese de soantes palatais como geminadas remete à silabificação das vogais altas diante de soantes palatais. As sequências de vogal+vogal alta, em PB, formam ditongos decrescentes como em *teimar*, *reino* etc. Porém, estas mesmas sequências são analisadas como bissilábicas, se depois delas ocorrerem dois tipos de segmentos: um grupo consonantal, que não pode funcionar como *onset* de sílaba complexa ou uma consoante no final de sílaba, como se vê em *Pau-lo*, *pa-ul*; *Jai-ro*, *Ja-ir*.

Segundo demonstra Wetzels, a RRM regula essa diferenciação silábica, que exclui uma sequência do tipo

triposicional /aul/ e cria o hiato. A ocorrência de /ɲ/ em palavras como *ra-i-nha*, *mo-i-nho*, *fa-u-lha* etc. mostra a obrigatoriedade de sequências do tipo /Vi,u/⁹ no contexto que precede a soante palatal. Enfim, o fato da não existência de ditongos antes de /ɲ/, associado ao fato das soantes palatais não permitirem o acento na antepenúltima sílaba, poderia ser justificado pela estrutura geminada desses segmentos que torna a sílaba pré-final uma sílaba pesada; por fim, e para concluir, a propriedade de “*stress-attracting*” das soantes palatais resultaria de sua natureza geminada e não da palatalidade.

Outros argumentos podem ser encontrados para justificar a defesa do comportamento dessas soantes como segmentos complexos em língua portuguesa. Por exemplo, nos estudos sobre aquisição dos sons palatais /j/ e /z/ (denominados palato-alveolares), Hernandez (1994) reconhece as palatais nasal e lateral como segmentos complexos, pois apresentam mais de uma articulação no trato oral. Brescancini (2003) atribui a complexidade desses sons à coloração¹⁰ vocálica por eles apresentada. Esta autora fornece uma confirmação quanto ao caráter híbrido dessas consoantes ao afirmar que as palatais /ɲ, ʎ, /¹¹ envolvem basicamente uma constrição longa e ininterrupta de toda a parte laminal e pré-dorsal da língua, o que permite que elas sejam consideradas *vogais frontais* “consonantais”, pois elas mantêm o formato observado em [i].

A dupla articulação de /ʎ/ é também reconhecida por Couto (1997) quando toma por base a estrutura silábica das proparoxítonas em português. Segundo sua interpretação, que se assemelha a um dos argumentos apresentados por Wetzels (1997), a não ocorrência de segmentos palatais [j, z, ʎ, ɲ]¹² em *onset* da última sílaba de proparoxítonos se deve ao fato de serem segmentos complexos, tornando pesada a sílaba antecedente dos vocábulos nos quais ocorrem, o que não acontece com a penúltima sílaba dos proparoxítonos que não pode ter rima ramificada conforme **ábarco*, **háliso*.

Para Couto, essa restrição se deve ao fato de esses segmentos não existirem no latim e historicamente resultarem da fusão de mais de um segmento¹³ e/ou se comportarem como segmentos complexos. Os usos (variáveis) de /j/ nos contextos de /ʎ/ e /ɲ/¹⁴ justificariam a natureza híbrida destes segmentos e seu comportamento ambissilábico, por

⁸ Para contrapor o comportamento de /ɲ/ ao de /m, n/, o autor dá exemplos como *alma*, *arma*, *abismo*; *baunilha* etc. que admitem ramificação da sílaba precedente.

⁹ Vogal seguida de semivogal (i, u).

¹⁰ A análise acústica de Silva (1999) mostra que a lateral palatal apresenta valores de F2 mais altos do que as outras líquidas; devido à palatalização este som adquire características semelhantes às de [i], daí seu caráter vocálico. A autora lembra que a maior duração da lateral palatal bem como da nasal palatal é encontrada no italiano, sendo semelhantes a geminadas.

¹¹ Bem como /c, ç/ conforme a notação utilizada.

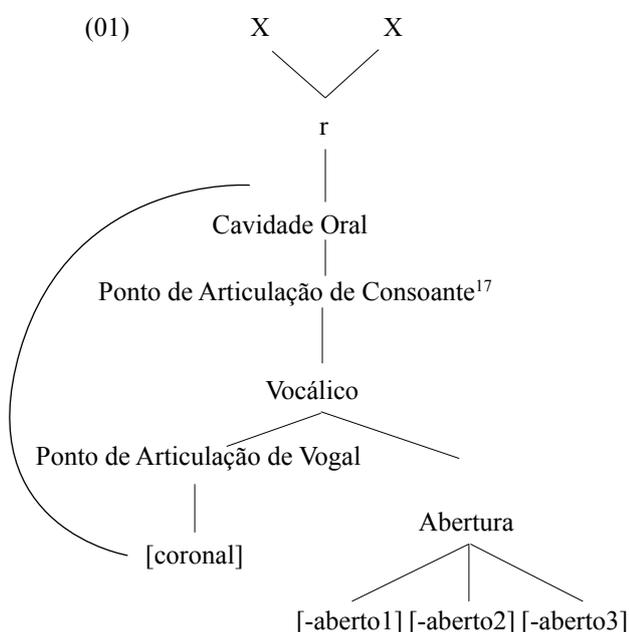
¹² Ele ainda aponta a vibrante múltipla /R/ e as semiconsoantes [w, j].

¹³ Como em /lj/ /nj/.

¹⁴ Em vocábulos como [‘fiju] ‘filho’ e [bãja] ‘banha’ (esta última, exemplo nosso a partir de nossa amostra do falar marabaense).

comparação com formas como *ceia*, na qual o segmento /j/ se bifurca e torna pesada a sílaba antecedente.¹⁵

Silva (1997, p. 60) considera a lateral palatal um *segmento geminado*, uma vez que apresenta dois Tempos; e também um *segmento complexo*, uma vez que apresenta um traço que expressa uma articulação maior, relacionado ao Nó Ponto de Articulação da consoante, e uma articulação menor, expressa pelos traços do Nó Vocálico. Citando Wetzels (1996, p.18), Silva (p.28) recorre à representação daquele autor para a soante palatal¹⁶ /ʎ/, como se pode ver na figura transcrita a seguir, que expressa uma consoante geminada (i.e, com duas moras no esqueleto) coronal com uma articulação secundária coronal, entendendo que articulação secundária equivale à articulação menor, conforme definida por Clements e Hume (1995).



Retomando a distinção entre segmentos simples e complexos, lembramos que os primeiros são aqueles ligados a um nó de raiz, caracterizado por somente um traço e articulação oral; os segundos também apresentam um nó de raiz, porém são caracterizados por no mínimo dois diferentes traços de articulação oral, devido a duas ou mais restrições simultâneas no trato oral.¹⁸ No caso das

palatais aqui estudadas, vimos que elas são consideradas segmentos complexos por alguns estudiosos.

Segundo Hernandorena (1997, p. 687), “é possível postular que a diferença existente entre as soantes alveolares [l] e [n] e suas contrapartes palatais [ʎ] e [ɲ] seja de natureza estrutural, no sentido de que as primeiras consistem em segmentos simples e as segundas, em segmentos complexos”. Como afirma a autora, essa distinção, de base fonética, tem função fonológica, pois sua oposição serve para distinguir pares mínimos em nossa língua, como se vê em *mala/malha*, *sono/sonho*. Tal oposição, como podemos verificar em nosso trabalho e em outros, pode se neutralizar em função do contexto linguístico e social.

A dupla articulação desses segmentos deve-se, portanto, à existência de uma articulação primária e outra secundária. Para Clements (1989, p. 26), a articulação secundária é a menos constricta das duas articulações, e, normalmente, envolve uma configuração com língua ou dos lábios, se articulados de forma independente, como aquela apropriada a um vocóide.¹⁹ Tais articulações são caracterizadas por envolver a ocorrência simultânea de traço articulador consonantal primário ligado ao C-tier com um traço articulador secundário ligado ao V-tier.

Em Clements e Hume (1995), usam-se os termos articulação maior para *primária* e articulação menor para *secundária*, assumindo-se que as articulações secundárias envolvem os mesmos traços articulatorios similares às vogais. Estas considerações interessam-nos, pois se relacionam diretamente ao fenômeno de variação fonética encontrada nas soantes palatais de nossa amostra.

Apesar das muitas argumentações aqui apresentadas, é bem verdade que nem todos concordam que os sons /ɲ, ʎ/ sejam segmentos complexos, embora a maioria, se não todos, concorde quanto a serem coronais.

Em razão disso, a esta altura, consideremos a forma como Hall (1997) interpreta as palatais levando em conta os aspectos fonéticos que envolvem o traço coronal. Segundo este autor, sons coronais são aqueles produzidos com a parte da frente da língua, o que inclui segmentos produzidos na região denti-alveolar [t,d...]; por trás dos alvéolos [j, ʒ...]; consoantes produzidas mais atrás, velares [k, g...] e uvulares [q, ɢ...] são dorsais, pois são produzidas com o dorso da língua.

Hall afirma haver controvérsias entre os linguistas quanto ao que pode ser caracterizado como coronal: se os

¹⁵ Oliveira (2007) chama a atenção para o uso do termo *complexo* que o autor faz: ao que parece ele o utiliza para expressar a formação complexa dessa consoante, no sentido histórico. Para ele, as palatais não são complexas, Oliveira sugere que talvez o autor quisesse afirmar com isto não se tratar de uma consoante simples mais uma articulação secundária.

¹⁶ Os traços considerados óbvios são omitidos.

¹⁷ A segunda articulação é representada pelo arco “pointer”, conforme nos informa Calabrese (1996), o *pointer* é utilizado por Sagey e Halle.

¹⁸ Clements (1989, p. 22), a partir de ocorrência com vogais do Badaga, considera a existência de outras articulações complexas envolvendo três e até quatro articuladores, mas chama a atenção para a raridade dessas combinações.

¹⁹ *Rounding* (ou *labialization*), *palatalization*, *pharyngealization* (*emphasis*) são dadas como as realizações típicas de articulações secundárias.

linguistas concordam que coronais incluem sons produzidos a ponta (*tip*, *apex*) ou a lâmina (*blade*) da língua, há aqueles que atribuem coronal àqueles sons produzidos com a parte ântero-dorsal (*antero-dorsum*) da língua, isto é, a parte detrás da lâmina²⁰. Observe-se a figura abaixo:

THE FEATURE [CORONAL]

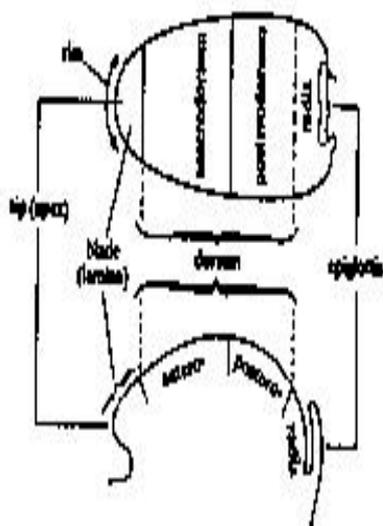


Figura 02 - representação das zonas de articulação da língua: vista superior e lateral.
Fonte: Hall (1997, p. 5)

Em função da caracterização fonética dada a este traço, Hall questiona a classificação dos sons alveopalatais e palatais como sons coronais. Primeiramente, com base nos estudos fonéticos de Recanses (1990) por ele citado, o autor argumenta que os lugares de constrição e a parte da língua envolvidos na produção de palatais *stops*, nasais e laterais (não-continuas) são mais à frente do que suas contrapartes fricativas (continuas).

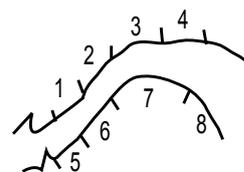


Figure - 1.2 - 1. alveolar zone 2. prepalatal zone 3. mediopalatal zone 4. postpalatal zone 5. laminal region 6. predorsal region 7. mediodorsal region 8. postdorsal region



Figura 1.3



Figura 1.4

Figura 03 - representação das zonas de articulação da boca: Vista lateral do contato línguo-palatal.
Fonte: Hall (1997, p.11)

Hall propõe então uma reclassificação dos sons comumente considerados palatais, de maneira que [ʃ, ʒ, ɲ, ʎ, ɕ, ʑ] são alveopalatais - produzidas com constrição nas regiões pós-alveolar e pré-palatal, sendo portanto mais pré-dorsais do que laminais - e os sons [ç, j] são palatais, de forma que os primeiros são coronais e os segundos não-coronais. Ele mostra ainda que, fonologicamente, os sons alveopalatais padronizam com dentais e alveolares.

Em consonância com Keating (1996), Hall defende que os sons alveopalatais ocorrem nas línguas como nasais e laterais, mas são confundidas com palatais, por ele chamadas de palatais “verdadeiras”. Baseado em estudos fonéticos de Recanses (1990), Keating (1991) e Ladefoged & Maddieson (1996)²¹, tendo em vista a distinção entre sons contínuos e não-contínuos, Hall conclui que “verdadeiras” palatais não-continuas são sons não atestados nas línguas. Ele dá diversos exemplos em várias línguas de que os sons alveopalatais padronizam fonologicamente com coronais enquanto os palatais não padronizam, formando aquelas, portanto, classes naturais.

²⁰ Os segmentos coronais para Jakobson (1938/1962; 1949) e Fant e Halle (1952) são definidos acusticamente como sons graves e incluem os sons labiais e velares. Para Chomsky e Halle (1968) o traço grave corresponde ao traço articulatório [coronal] o que caracteriza os sons dental, alveolar, retroflexo, palatoalveolar e alveopalatal. Para Halle e Stevens (1979), coronal é o som produzido com o levantamento da parte frontal da língua (ponta, lâmina/antero-dorsal, centro), abrangendo os sons dental, alveolar, retroflexo, palatoalveolar, alveopalatal, palatal. Esses, entre outros estudiosos, são citados pelo autor. Para Hall (op. cit.) sons coronais são produzidos em seis “sublugares”, sendo eles: interdental, dental, alveolar, retroflexo, palatoalveolar e alveopalatal.

²¹ Todos esses autores são citados por Hall (1997).

A caracterização dos traços dos sons alveopalatais (como [ɲ e ʎ]), considerando sua região de articulação na boca (pós-alveolar, entre a região palatoalveolar e palatal, com o levantamento da parte da frente do corpo da língua), traz uma forte argumentação que é resumida da seguinte forma: “alveopalatais são inerentemente palatalizadas”²², e uma vez que sons palatalizados caracterizam-se pelo levantamento da parte da frente da língua, estes segmentos não podem ser, portanto, caracterizados com a articulação secundária da palatalização, pois já são palatalizados. Isto quer dizer que para Hall estes segmentos não são complexos. Hall propõe o traço [-back] (i.e., [-anterior], [+distribuído]) para palatalização. O termo “palatal” caracteriza as verdadeiras palatais (contínuas, como [ɲ, ʎ]) e assim como as alveopalatais são inerentemente palatalizadas, o que contraria, portanto, as interpretações de outros autores para os segmentos comumente considerados palatais.

Enfim, as diferentes contribuições teóricas aqui tratadas, acerca do status fonológico das palatais, mostram a complexidade que envolve a descrição e análise dos segmentos palatais lateral e nasal. Isso é o que também se constata em termos de usos no Português Brasileiro.

3 ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

Os vários estudos sobre as realizações desses segmentos mostram que as realizações despalatalizadas não têm valor fonológico, porém as variantes que resultam desse enfraquecimento podem sofrer maior ou menor estigmatização social, conforme o valor social que lhes são atribuídos, pois se acham correlacionados a fatores sociais que lhes conferem maior ou menor prestígio.

De fato, as realizações palatais ou palatalizadas, de um modo geral, se acham associadas aos falantes de maior escolaridade, enquanto as formas despalatalizadas aos de menor escolaridade, entre outros estratos sociais considerados tanto em estudos mais recentes quanto mais tradicionais, nos quais vemos a discussão em torno de possíveis influências e o uso por região.

Vale notar que os termos que recobrem os fenômenos de variação são os mais diversos, tais como: despalatalização, desconsonantização, semivocalização, vocalização, iotização, iodização, ieísmo, lheísmo, sendo preferido um ou outro pelos diferentes autores, especialmente aqueles mais antigos.

Considerando esses estudos, vemos que os autores relacionam a despalatalização tanto à influência indígena quanto africana, é o caso de estudiosos como Amaral (1920), Nascentes (1922), Marroquim (1934) relacio-

naram a despalatalização de /ʎ/, no português do Brasil, à influência africana, sendo essa realização considerada típica dos falares crioulos registrados em Cabo Verde, Guiné, São Tomé, Ceilão (Sri Lanka), Dio, Goa e Ilha do Príncipe. Mesmo Câmara Jr. (1977; 1986) relaciona o fenômeno de iotização em língua portuguesa aos falares crioulos. Para Spina (1987), esse processo se deve tanto à influência indígena quanto africana, sua defesa se apóia em Mendonça (1936), que afirma que a vocalização de /ʎ/ era já própria dos falares das ilhas do Cabo Verde, São Tomé, Príncipe e Ano Bom.

Entretanto, há quem divirja, como Melo (1981:58-59) que associa a semivocalização à fala do interior do Brasil, seria o caso de Goiás, e nordestina, e em particular a certas localidades da Bahia, a palatal /ɲ/ é tida como ausente no Nordeste. Silva Neto (1986) também relaciona a despalatalização da palatal nasal ao nordeste do Brasil, em particular ao Ceará.

Em estudos com outras bases teórico-metodológicas, encontramos descrições e análises que identificam e relacionam as diferentes realizações desses segmentos aos aspectos sociais e linguísticos em diferentes falares brasileiros.

Os estudos de Caruso (1983) sobre o falar baiano mostraram a tendência para a iotização com 64,2% na região litorânea ocidental do estado e 35,8% para as formas iotizadas mais concentradas no interior, entretanto, não se levantou os aspectos sociais condicionantes.

Para Pontes (1973, *apud* Cagliari, 1974) /ʎ/ e /ɲ/ não constariam do quadro dos fonemas do dialeto carioca, assim, o que a autora registra para o primeiro é a realização [ly], e para o segundo [ỹ].

Os estudos de Penha (1972), sobre o falar da zona rural do Sul de Minas Gerais, registram as formas [l] e [y] para /ʎ/ e [y] e [n] para /ɲ/.

Em estudos sobre o dialeto paulista, Cagliari (1974) distingue diferentes realizações articulatórias para /ʎ/ e /ɲ/: [ʎ], [ɲ], [ny], [ly], [ʎy], [ɲy], [y] [ỹ]; ele ainda atribui, de um modo geral, as realizações despalatalizadas aos falantes de classe social baixa e de pouca instrução e falantes de região rural.

Também Silveira (1986) identifica mais de uma realização para esses segmentos: /ʎ/ é realizado por [ʎ], [y], [yy], [l], [ly], [y]. Para essa autora a forma [y] é norma regional e está associada ao falar caipira, enquanto [ɲ] é a norma em todo o Brasil, mas podendo ser realizada como [ɲ], [n] [y], [n].

Na fala da cidade de Imperatriz (MA), Mercer (1947, *apud* Silva, 1987) registra a ausência das palatais

²² “Alveopalatais are inherently palatalized.” (p.51). Mais ainda, Hall assinala que segmentos [ɲ] e [ʎ] ou, em outras palavras, palatais palatalizadas, são articulatoriamente impossíveis por dois motivos: primeiro eles não estabelecem contraste distintivo com formas [ɲ] e [ʎ] nas diversas línguas do mundo por ele estudadas, mesmo naquelas que possuem sons e seus equivalentes palatalizados; por outro lado, uma palatal palatalizada exigiria uma consoante com dois nós vocálicos, o que seria impossível no modelo geométrico.

lateral e nasal na fala de informantes com menos de vinte anos, ocorrendo as variantes [l] e [n] seguidos de [y].

Para o português do Brasil, Cristófaros-Silva (2001) identifica três realizações relacionadas ao fonema /ɫ/: [ɫ], [lj] (palatalizada) e [y]. Para essa autora, a variante de maior é a alveolar ou dental palatalizada [lj], enquanto que para /ɲ/, a maior ocorrência é do segmento vocálico nasalizado [ỹ].

Estudos de Rodrigues (1974) sobre o falar de Piracicaba-SP e Oliveira (1983) sobre o de Belo Horizonte -MG, ambos citados por Madureira (1987), identificam a variação [ɫ] ~ [y], sendo a realização semivocalizada associada aos falantes de classes baixas e ao “falar errado”. Oliveira, em particular, identifica o uso da variante [y] entre falantes masculinos, de classes sociais mais baixas e no estilo informal; essa autora ainda registra a variante [l] em falantes mais velhos e no estilo formal, sendo portanto dada como uma variante com maior prestígio do que [y], mas em extinção.

Na fala de Belo Horizonte (MG), Madureira (1987) analisa a vocalização de /ɫ/ e demonstra que a regra de vocalização, no conjunto geral dos dados, é mais favorecida no grupo sócio-econômico menos favorecido entre homens, jovens e adultos, com escolaridade entre 1ª- 4ª série.

Na fala da cidade de Londrina (PR), Aguilera (1987) registra diferentes estágios de despalatalização de /ɫ/ tais como despalatalização por iotização; despalatalização por síncope ou por apócope, sem resquício de [j]; despalatalização por substituição; palatalização, por hiperurbanismo, na zona rural; palatalização seguida de rotacismo (como em orvalho>*orváliu*> *orváriu*).

Aguilera (1988) também busca identificar as realizações da lateral palatal no Atlas Linguístico do Paraná, encontrando as realizações [ɫ], [j] e [0]. Sua análise mostra que a primeira é a mais produtiva dentre todas e é considerada a variante culta, as duas últimas ocorrem mais nas regiões rurais do estado.

A despalatalização e iodização de /ɫ/ e /ɲ/ são identificadas por Aragão (1997) no Atlas Linguístico da Paraíba. A autora constata a alta frequência e distribuição de iodização na fala de falantes masculinos e femininos, nas faixas etárias mais altas, e de menor escolaridade.

Brandão (1996) analisa 21 cartas de quatro atlas linguísticos brasileiros (ALPB, AFPB, ALSE, EALMG), e identifica para /ɫ/, dentre as realizações encontradas as realizações [ɫ], [lj]; iotização com manutenção da vogal subsequente; iotização com apagamento da vogal subsequente, [l] e síncope, sendo a iotização a de maior frequência. Para o fonema /ɲ/, são identificados de [ɲ]; a iotização, o cancelamento, e [n], também prevalecendo em termos de frequência a iotização. Pelos resultados, o dialeto baiano é o que apresenta a maior tendência para a iotização, ao passo que o nordestino apresenta menor tendência, mas tanto no falar nordestino (representado pela

Paraíba) quanto no falar baiano predomina a iotização com maior probabilidade no primeiro.

As realizações das palatais lateral e nasal são analisadas por Silva e Moreira (1997) na fala de 13 comunidades pesqueiras do Norte-Nordeste do Estado do Rio de Janeiro, dentro da proposta do Projeto APERJ. Para /ɲ/ é registrada a variante [ɲ], com 59%, e não realização da nasal palatal, em 41% dos dados, esses predominantemente entre falantes mais velhos das regiões interiorana e litorânea. Para /ɫ/, foram registrados [ɫ], a de maior ocorrência, seguida de [lj], [l], [j] e síncope. A forma [lj] é a de maior frequência entre falantes de comunidades litorâneas, das três faixas etárias selecionadas (18-35; 36-55; 56-70), já a variante [j] tem mais produtividades na fala falantes da região interiorana da última faixa etária.

Os estudos de Machado-Soares (2002), com falantes da zona urbana de Marabá (Pa), identificam para a lateral palatal as realizações [ɫ] (4%), [ɲ] (57%), [lj] (27%), [l] (27%), [j] (9%), e [0] (0%); para a nasal palatal, [ɲ] (4%), [ɲ̃] (26%), [n] (1%), [j] (69%). Os resultados indicaram condicionamentos linguísticos e extralinguísticos. Para os fatores sociais levados em conta na análise, as formas palatais/palatalizadas se identificaram com as formas padrão e de prestígio sendo preferidas em termos probabilísticos por mulheres, por indivíduos de maior escolaridade e renda mais alta e de faixas etárias mais baixas (15-25/26-45), ao contrário da forma semivocalizada.

Em síntese, a partir dos estudos diferentes aqui comentados, podemos identificar os seguintes conjuntos de variantes, conforme os quadros a seguir:

Quadro 01 - processos fonológicos para /ɫ/

Fenômenos para /ɫ/	Variantes	Exemplos
1. Manutenção da palatal	- lateral palatal /ɫ/ - lateral palatalizada /lj/	[ˈpaɫa] [ˈpaɫja]
2. Despalatalização sem vocalização	- lateral dental/alveolar /l/ - lateral dental/alveolar seguida de semivogal /lj/	[mulé] [muljé]
3. Despalatalização com semivocalização	- Semivogal com propagação sem pausa entre sílaba [jj] - semivogal sem propagação com pausa entre sílaba [j]	[muyyé] [mu.yé]
4. Despalatalização sem semivocalização	- zero fonético [ø]	[ˈtea]

Quadro 02 - processos fonológicos para /ɲ/

Fenômenos para /ɲ/	Variantes	Exemplos
1. Manutenção da palatal	- nasal palatal /ɲ/ - nasal palatalizada /ɲj/	[ˈbaɲa] [ˈbãɲá]
2. Despalatalização semvocalização	- nasal dental/alveolar seguida de semivogal /ɲj/	[ˈsõɲju]
3. Despalatalização com semivocalização	- semivogal [j] nasalizada ou não	[ˈsõju]
4. Despalatalização sem semivocalização	- zero fonético [ø]	[seˈɔra]

CONCLUSÃO

Os vários estudos sobre as realizações dos segmentos palatais lateral e nasal mostram que as realizações despalatalizadas não têm valor fonológico, porém as variantes que resultam desse enfraquecimento podem sofrer maior ou menor estigmatização social, conforme o valor social que lhes são atribuídos, pois se acham correlacionados a fatores sociais que lhes conferem maior ou menor prestígio. De fato, as realizações palatais ou palatalizadas, de um modo geral, se acham associadas aos falantes de maior escolaridade, enquanto as formas despalatalizadas aos de menor escolaridade.

Esses estudos também apontam para o fato de que as variantes despalatalizadas têm maior ou menor inserção social de acordo com os diferentes estratos, de modo que a semivocalização está geralmente associada aos falares menos prestigiados. Vimos ainda que esses sons não são de fácil caracterização tanto do ponto de vista fonético quanto fonológico: os autores divergem quanto ao aspectos articulatórios e quanto aos traços fonológicos que podem lhes ser atribuídos.

Em que pesem a divergência e os limites que tais estudos impõem, essas são contribuições fundamentais a qualquer estudo que busque descrever e analisar tais segmentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA, Vanderci de A. *Aspectos linguísticos do Paraná: esboço de um atlas linguístico de Londrina*. Dissertação de Mestrado. Assis, São Paulo: UNESP, 1987.
- _____. O fonema [lh]: Realizações fonéticas. Descrição e sua comprovação na fala popular paranaense. In: ENCONTRO NACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA, III. *Anais*. João Pessoa: UFPB, 1988.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A despalatalização e iotização no Atlas Linguístico da Paraíba. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, I. *Atas*. v. II, Dialeto e Sociolinguística. Salvador: UFBA, 1997.
- BARBOSA, Jorge Morais. *Fonologia e morfologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *Sobre a nasal e a lateral palatais no português do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. A representação lexical das fricativas palato-alveolares: uma proposta. *Letras de Hoje*, Curitiba, Editora UFRS, 2003. p. 299-310. Número Especial.
- CAGLIARI, Luís Carlos. *A palatalização em português: uma investigação palatográfica*. Dissertação de Mestrado Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1974.
- _____. *Processos fonológicos do português brasileiro interpretados pela fonologia de geometria de traços*. Campinas, São Paulo: Edição do Autor, 1997.
- _____. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- CALABRESE, A. Palatalization processes in the history of romance languages: a theoretical study. In: CALABRESE, A. (Ed.) *Romance phonology*. Doctoral Programme in Romance philology. Budapest: L. Eötvös University, 1996, p. 65-83.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- _____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- _____. *Dicionário de linguística e gramática*. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CARUSO, Pedro. A iotização de LH segundo o atlas prévio dos falares baianos. *Alfa*. São Paulo, n° 27, p. 47-52, 1983.
- CAVALIERE, Ricardo. *Pontos essenciais em fonética e fonologia*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- CLEMENTS, George. *A unified set of features for consonants and vowels*. Paris, France: Institute de Phonétique, 1989.
- _____. HUME, Elizabeth. The internal organization of speech sounds. In: Goldsmith, John. *The handbook of phonology theory*. Cambridge: Blackwell, 1995, p. 246-306.
- COUTO, Hildo. Ditongos crescentes e ambissilabidade em português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 29, p. 129-142. Dezembro, 1994.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- CRISTÓFARO-SILVA, Taís. *Fonética e fonologia do português*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- HALL, T. Alan. *The phonology of coronals*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. *Amsterdam Studies in theory and history of linguistic science*; Serie IV, Current issues in linguistic theory, v. 149. University of Ottawa, 1997.

- HERNADORENA, Carmen Lúcia Matzenauer. Um caso de efeito OCP no Português. *Anais do CELSUL*. Pelotas: PUC. Universidade Católica de Pelotas, 1997. p. 687-697.
- _____. A geometria de traços na representação das palatais na aquisição do Português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 29, p. 159-167, 1994.
- JAKOBSON, Roman. *Fonema e fonologia*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1967.
- MACHADO-SOARES, Eliane Pereira. *Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá-Pa*. Belém, 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Pará.
- MADUREIRA, Evelyne Dogliani. *Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1987.
- MARROQUIM, Mário. *A língua do nordeste*. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1934.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 3 ed. Porto: Figueirinhas, 1948.
- MERCER, José Luiz. Notas sobre o falar de Imperatriz. *Construtura - Revista de Linguística, Língua e Literatura*. Curitiba: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica do Paraná. Ano 2, n.4, p. 264, dez, 1947.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1953
- OLIVEIRA, Marilúcia Barros de. *A palatalização da lateral alveolar /l/ em posição prevocálica no falar de Itaituba-Pa*. Tese de Doutorado em Linguística. Maceió: UFAL, 2007
- PENHA, João Alves P. *Aspectos da linguagem de São Domingos: Tentativa de descrição da linguagem rural brasileira*. Franca: UNESP, 1972.
- RODRIGUES, A N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1987.
- SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- SILVA, Flávia R. Santoro.; MOREIRA, Valéria Regina de O. O comportamento das palatais lateral e nasal na fala de comunidades pesqueiras fluminenses. *JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRJ, XIX*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1997.
- SILVA, Marinalva Freire. As seqüências “LH” e “NH” em português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS. V. 22, p. 91-99, 1987.
- SILVA, Adelaide H. P. Caracterização acústica de [R], [r], [l] e [ʎ] nos dados de um informante paulistano. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas. N. 37, p.51-68, jul./dez., 1999.
- SILVA, Eudênio Bezerra. *A substituição da soante palatal /k/: uma representação não-linear*. Recife, 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco.
- SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. *Estudos de fonologia portuguesa*. São Paulo: Cortez, 1986.
- SOUZA, Paulo Chagas de.; SANTOS, Raquel Santana. Fonologia. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística: princípios de análise*. v. II. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- SPINA, Segismundo. *História da língua portuguesa. III. Segunda metade do Século XVI e Século XVII*. São Paulo: Ática, 1987.
- WETZELS, W. Leo. *Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro*. (Tradução de Demerval da Hora, com autorização do autor; cedido gentilmente em mensagem pessoal em 2000. Publicado em: The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, 1997. 9: 203-232.).